
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

KAMILLA LIMA DA SILVA

**MINHAS MEMÓRIAS LITERÁRIAS: PISTAS PARA
ESTUDOS SOBRE O ENSINO DE LEITURA E
LITERATURA NA ESCOLA**



**Rio Claro
2020**

KAMILLA LIMA DA SILVA

MINHAS MEMÓRIAS LITERÁRIAS: PISTAS PARA ESTUDOS
SOBRE O ENSINO DE LEITURA E LITERATURA NA ESCOLA

Orientador: Profº Drº Maria Rosa R. M. de Camargo

Coorientador: Profº Drº Carolina Gonçalves Souza

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia .

Rio Claro
2020

S586m Silva, Kamilla Lima da
Minhas memórias literárias: : Pistas para estudos sobre o ensino de
leitura e literatura na escola / Kamilla Lima da Silva. -- Rio Claro, 2020
42 p. + 1 CD-ROM

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio
Claro

Orientadora: Maria Rosa R. M. Camargo
Coorientadora: Carolina Gonçalves Souza

1. Literatura Infantil. 2. Experiência de leitura. 3. Escritos
autobiográficos. 4. Formação de professores. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho gostaria de agradecer a Deus por me capacitar.

Agradecer os meus pais, meus irmãos por terem me apoiado e incentivado desde sempre meus estudos e por estarem presentes em cada etapa.

A minha amiga Suzani, por ter feito parte de muitos momentos e por todo apoio e amizade construída.

E em especial a minha orientadora Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo por também contribuir em minha formação e pelo apoio sendo orientadora.

A coorientadora Carolina Gonçalves Souza pela paciência e auxílio nesta etapa do desenvolvimento do trabalho e todo carinho ao longo desta incrível jornada de aprendizado.

Agradeço a todos que passaram em minha vida e de certa maneira me ajudaram a tornar este momento tão especial e incrível!

*“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.”
(Ricardo Reis – Fernando Pessoa).*

RESUMO

A presente pesquisa propõe, a partir de escritos autobiográficos efetivados pela professora em formação – autora –, analisar a literatura nos espaços da escola – escolas por onde andou – mas também fora dela, e sua importância para o campo da Educação. Propõe, como objetivo central, compreender como os espaços para o desenvolvimento da literatura podem influenciar no trabalho literário e sua formação para o ensino das crianças. Como metodologia, fundamenta-se na abordagem de pesquisa autobiográfica destacando a observação, como meio de buscar, pela memória, os processos de aprendizagem da e pela literatura, pela autora, relatando, registrando, auscultando a própria experiência de leitura. Somada à autobiografia, também se realiza breve pesquisa bibliográfica sobre o tema, para compor o corpus do trabalho. Depreendem-se, da perspectiva autobiográfica, sentidos outros para repensar metodologias para o ensino de literatura infantil na escola.

Palavras-chave: Literatura infantil. Experiência de leitura. Escritos autobiográficos. Formação de professores.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 7 |
| 2. ADENTRANDO QUESTÕES AUTOBIOGRÁFICAS. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA | 11 |
| 3. TRABALHOS LEVANTADOS COM AS PALAVRAS-CHAVE “ENSINO” E “LITERATURA- INFANTIL” | 12 |
| 4. “BREVE TEORIZAÇÃO” | 19 |
| 5. MINHA HISTÓRIA... | 27 |
| 5.1. O primeiro livro que ganhei... .. | 30 |
| 5.2. O livro que marcou minha adolescência... .. | 30 |
| 5.3. Do livro ao filme... .. | 31 |
| 5.4. A curiosidade de ler... .. | 32 |
| 5.5. Da leitura às escritas poéticas... .. | 32 |
| 5.6. Jane Austen: a autora que mais gosto... .. | 33 |
| 5.7. Briguei com o autor Carlos Drummond de Andrade... .. | 33 |
| 5.8. Agatha Christie e meus momentos de raiva... .. | 34 |
| 5.9. José Saramago me fez chorar... .. | 35 |
| 5.10. O reencontro com a minha infância. relendo “O Coelhoinho Teobaldo” | 36 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 37 |
| 7. REFERÊNCIAS | 39 |

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo central compreender como os espaços para o desenvolvimento da literatura podem influenciar no trabalho literário e sua formação para o ensino das crianças. Ao falar de um lugar da literatura na educação, ou seja, um espaço para se praticar o exercício de ler, logo se pensa em uma biblioteca ou uma sala de leitura, pois ao inserir o ensino da literatura na educação se padroniza a biblioteca como o local mais adequado para o desenvolvimento deste conhecimento com os alunos. Para um aprofundamento sobre os espaços para ler literatura estabelecemos então a seguinte problemática: será que podemos considerar a biblioteca como um único lugar deste tipo de leitura? Teria o exercício desta leitura, que ser obrigatoriamente vinculado ao espaço de uma biblioteca?

Na biblioteca podem acontecer atividades relacionadas à leitura, artes, exposição de trabalhos e ser local de estudo. Mas há que se considerar, também, outros espaços possíveis para esta leitura, literária, que se pode encontrar dentro de uma escola. Pode-se ler no corredor, no pátio, em outras salas, enfim... o “lugar” desta leitura, literária, é onde o leitor julgar possível realizá-la.

O trabalho com a literatura na escola pode acontecer de diversas formas, levando-nos a atentar, ainda, que a literatura não está presente somente nos livros; ela pode ser apresentada por meio de outras linguagens, tais como teatro, dança, música... E com isso, o exercício desta leitura pode se expandir a uma produção contínua de pensamento, na medida em que os professores venham a desenvolvê-la, articulando-a a funcionalidades e instrumentais diversos, com seus alunos.

A diversidade das formas literárias, fora da escola, também auxilia grandemente no processo diário de formação do leitor e está atrelada, também, aos espaços em que se desenvolve – a biblioteca, mas também a praça, a banca de jornal, a internet, o campo de “batalhas de rap¹” e muitos outros...

Fora da escola, ela está fora de grades, fora de formatações clássicas e rotineiras que venham a contribuir também para a formação de um leitor crítico que não se prende a padrões, tendo liberdade para exercer sua leitura de uma forma mais

¹ As batalhas são reuniões em que os adolescentes e jovens, atualmente, fazem para improvisar textos em locais públicos e configuram-se como momentos de diversão, reflexão, luta, resistência, inspiração, criação, etc.

criativa e prazerosa, pois não se prende a uma obrigação que foi compelida pela professora em sala de aula. A leitura se torna então algo mais pessoal, no âmbito do subjetivo, quando não se estabelecem regras que limitem as asas do pensamento.

Pensar a diversidade das formas literárias para além dos muros da escola, significa, também, propiciar contribuições para ela no ambiente escolar, pois os alunos são os mesmos cidadãos dentro e fora da escola. Por que não? E por que não pensar em uma contribuição para o ensino de literatura na escola que parta “do lado de fora”? E, também, da “experiência autobiográfica” de uma professora em formação?

Olhar para dentro de mim, rememorar e relatar minhas experiências literárias e como estas contribuíram para minha formação enquanto ser social, cultural, enquanto leitora e admiradora de textos literários, podem se configurar como material de estudo e podem fornecer “pistas”, “indícios”, “sinais” como contribuição para o ensino de literatura no ambiente escolar (GINZBURG, 2003).

Como objetivo geral, foi traçado: investigar, com base em minhas memórias, como o processo de aprendizagem da literatura ocorre dentro e fora da escola. Organizei como objetivos específicos: a) contar algumas de minhas experiências com a literatura, dentro e fora da escola; b) refletir como estas experiências vêm contribuindo para a minha formação como professora; c) contribuir para as discussões sobre o ensino de literatura na perspectiva autobiográfica; d) estudar, ainda que superficialmente, a temática da autobiografia.

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, em que se buscam por meio de observações minhas com perspectivas subjetivas investigar acerca da formação de leitores e de como os espaços de literatura dentro e fora da escola afetam o processo de aprendizagem, digo, de formação do leitor.

A metodologia qualitativa vem com o objetivo de salientar os materiais produzidos pelo sujeito e suas experiências no qual Bogdan e Biklen (1994), afirmam que a autobiografia, como abordagem qualitativa, apresenta algumas razões para sua efetivação que assegure uma perspectiva pessoal do investigador, da investigadora, de modo a resguardar suas singularidades.

Autobiografias feitas por categorias particulares de pessoas, minorias étnicas, por exemplo, em particular as seções que descrevem a sua escolarização, podem introduzir o investigador interessado neste

assunto à variedade de experiências educacionais. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.180).

A abordagem de uma investigação pessoal contribui para examinar os problemas de si mesmo, colaborando com a própria pesquisa autobiográfica. A abordagem autobiográfica se insere no campo da pesquisa qualitativa porque, por meio da observação do investigador sobre suas próprias experiências, no campo educacional, é possível encontrar pistas para o ensino de leitura e literatura na escola. Além disto, a abordagem autobiográfica no campo da formação de professores agrega valor e sentido a este público – os professores as professoras – que se veem cada vez mais desvalorizados em suas práticas.

Para a pesquisa bibliográfica sobre o tema – ensino de literatura na escola -, foi proposta uma visita à Plataforma SciELO (*Scientific Electronic Library*), que foi descrita no capítulo 1 e paralelamente, foram feitas algumas leituras no campo da escrita autobiográfica.

A pesquisa autobiográfica para Passeggi, Souza e Vicentini (2011) parte do pressuposto das escritas de si, com contribuição na formação do docente-pesquisador sobre sua autoavaliação acerca de sua formação, aonde memórias acadêmicas são resgatadas para análise de si mesmo sobre a educação e sua formação.

Em todos os casos as escritas de si são consideradas como um dispositivo mediante o qual a pessoa que escreve é levada a refletir sobre seu percurso de formação formal, não-formal e informal. (PASSEGGI; SOUZA *apud* VICENTINI, 2011, p. 373).

Nesta perspectiva, a autobiografia é apresentada como uma interpretação que parte do próprio sujeito. Suas experiências, no campo da educação, são fonte de instrução para o professor-pesquisador sobre a avaliação de sua própria vivência e formação. Deste modo, contribui para o processo de aprendizagem da literatura nas escolas, trazendo à luz práticas pedagógicas que podem ancorar o ensino da leitura e o processo de formação de leitores. Ainda citando Leonor Arfuch (2002) considera o espaço biográfico uma possibilidade metodológica de pesquisa extremamente rica, por considerar a “visibilidade de lo íntimo privado” (p. 27), dando à narrativa um status privilegiado na área das humanidades. Em suas palavras,

[...] confesiones, autobiografías, memorias, diarios íntimos, correspondências, trazarían, más allá de su valor literário intrínseco, un espacio de autorreflexión decisivo para el afianzamiento del individualismo como uno de los rasgos típicos de Occidente. (ARFUCH, 2002, p. 34).

A autobiografia surge, portanto, como uma possibilidade de exploração do privado potente em significados. E, no caso desta pesquisa, significa observar em minha própria trajetória elementos para problematizar a importância da literatura nos espaços escolares e não-escolares.

Leonor Arfuch afirma que “contar la historia de una vida es dar vida a esa historia” (ibidem, p.38). Também registrar, rememorar e compartilhar elementos que, buscando em minhas memórias, venha a contribuir para o ensino, particularizando o ensino da literatura.

Este estudo promove profunda reflexão do “eu”, segundo Arfuch, no que tange a sentimentos, afetos numa ordem temporal de experiências vividas no processo literário ao encontro da subjetividade e, por vezes, na reconstituição da infância onde as memórias se encontram para a efetivação do trabalho com a literatura em diferentes espaços.

O estudo autobiográfico também abarca o prazer da literatura como forma de dispersão de ideias, de memórias e escritas do próprio sujeito que se põe neste contexto, em busca de um significado, ou de ampliar significados. Como afirma Barthes (2006), o indivíduo como sujeito histórico imagina os prazeres da tipologia da leitura, ou de leitores se apropriando do sofrimento e prazer. E com isso, a autobiografia desnuda parte da experiência do sujeito que revela suas histórias, algumas íntimas, para os leitores.

2. ADENTRANDO QUESTÕES AUTOBIOGRÁFICAS. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.

Buscando compreender acerca da pesquisa bibliográfica, procedi a uma pesquisa de artigos científicos sobre o tema, para verificar (ainda que não exaustiva) de que forma a metodologia do ensino da literatura infantil tem sido estruturada, como os pesquisadores veem o tema na academia. A plataforma escolhida foi a SciELO (*Scientific Eletronic Library Online*²) e, em conjunto com minhas orientadoras, ensaiamos várias palavras-chave diferentes. Quanto mais eu colocava, mais artigos encontrava. No entanto, muitos sem ligação com meu tema.

Iniciei com o trio “literatura”, “educação” e “escola”. A pesquisa resultou 425 artigos. Ao proceder à leitura dos títulos, verifiquei que talvez a palavra “literatura” não fosse a mais adequada, pois em pesquisa de qualquer área os autores constroem uma “revisão de literatura”. Então, abandonei estes 425 artigos e avancei para a segunda tentativa: “leitura”, “educação” e “escola”. Novamente, a pesquisa resultou 249 artigos e, pelos títulos, também muitos deles não tinham relação com o meu caro tema. Abandonei também estes 249 artigos.

As próximas palavras-chave foram “leitura”, “literatura infantil” e “escola”. Desta vez, apareceram oito artigos, mais condizentes com o tema, porém também não os utilizei. Escolhi, agora, a combinação: “metodologia”, “ensino” e “literatura infantil”, e as referências encontradas foram três. Pensei: “Pouca coisa”. Será que restringi demais? Coincidentemente, são três artigos que já apareceram na pesquisa anterior. “Passei então para mais uma, e talvez a última, pesquisa com as palavras-chave “ensino” e literatura infantil”. Desta vez, 14 resultados. “Vou ficar por aqui”, pensei. E procedi a leitura dos artigos selecionados que são encontrados logo no quadro mais adiante, sendo sua seleção final organizada por ano de publicação de cada artigo.

Senti a necessidade de organizar um quadro para apresentá-los por ano. Inicialmente, propus-me à leitura de todos os resumos, para verificar do que tratam os artigos, o que apresentam em linhas gerais, para depois verificar qual (ou quais) estão mais ligados ao meu tema, para ler em sua totalidade.

Organizei as informações em um quadro.

² www.scielo.br. Consulta realizada no período dos meses de janeiro e fevereiro de 2020.

3. TRABALHOS LEVANTADOS COM AS PALAVRAS-CHAVE “ENSINO” E “LITERATURA- INFANTIL”.

| Nº | ANO | AUTOR | TÍTULO | REVISTA | TEMA | PALAVRAS-CHAVES DO ARTIGO |
|----|------|---|--|---|---|---|
| 01 | 2018 | Maria do Rosário Longo Mortatti. | Literatura para a escola primária e educação do cidadão republicano na Revista de Ensino (SP-Brasil) 19021918. | História da Educação (UFRGS- Faculdade de Educação). | Compreensão dos aspectos da literatura infantil no Brasil. | Literatura Infantil; revista de ensino; história da literatura infantil; história do ensino de leitura e escrita; história da educação no Brasil. |
| 02 | 2015 | Rosa Maria Hessel Silveira e Marta Campos de Quadros. | Crianças que sofrem: representações da infância em livros distribuídos pelo PNBE. | Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea (UnB- PPG em Literatura- Depto de Teoria Literária e Literatura. | A representação da literatura infantil na infância brasileira em seu convívio social. | Literatura infantil; representações de criança; PNBE. |
| 03 | 2016 | Jully Fortunato Buendgens e Diana Carvalho. | O Preconceito e as diferenças na Literatura Infantil. | Educação e Realidade (UFRGS- Faculdade de Educação. | A busca da origem do preconceito na literatura infantil. | Educação; Literatura Infantil; Preconceito; Diferenças; Programa Nacional do Livro Didático. |
| 04 | 2013 | Dagoberto Buim Arena e Naiane Rufino Lopes. | PNBE 2010: personagens negros como protagonistas. | Educação e Realidade(UFRGS- Faculdade de Educação). | A presença de personagens negros nas histórias infantis. | Literatura Infantil. Relações Étnico-raciais. PNBE. Construção da Identidade Negra. |
| 05 | 2019 | Sammya Santos Araújo, Lya Oliveira da Silva Souza Parente e Antonia Dilamar Araújo. | A literatura da capa do livro- Brincando de inventar na perspectiva da gramática do design visual. | Revista Brasileira de Linguística Aplicada (UFMG- Faculdade de Letras). | A alfabetização l por meio de imagens e a ludicidade literária. | Multimodalidade; literatura infantil; imagem; gramática do design visual; Paic. |

| Nº | ANO | AUTOR | TÍTULO | REVISTA | TEMA | PALAVRAS-CHAVES DO ARTIGO |
|-----------|-------------|---|--|--|---|---|
| 06 | 2016 | Rildo Cosson. | Literatura Infantil em uma sociedade pós-literária: a dupla morfologia de um sistema cultural em movimento. | Pro-posições (UNICAMP). | A literatura Infantil e sua relação com a escola e o livro. | Literatura infantil; formação do leitor; ensino de literatura. |
| 07 | 2016 | Flávia Brocchetto Ramos e Marli Cristina Tasca Marangoni. | Ecoss da poesia no leitor mirim. | Pró-posições (UNICAMP). | Caminhos para a escrita poética na escola. | Mediação cultural; literatura infantil; leitura. |
| 08 | 2000 | Vera Lucia Blanc Simões. | Histórias infantis e aquisição de escrita. | São Paulo em Perspectiva (SEADE). | Literatura infantil e as práticas pedagógicas para a escrita | Ensino; aprendizagem; literatura infantil; pedagogia. |
| 09 | 2014 | Celdon Fritzen e Gladir da Silva Cabral | Rute e Alberto resolveram ser turistas: a leitura literária para criação no período Vargas. | Revista Brasileira de Educação (ANPed). | A construção da literatura infantil na concepção da Escola Nova. | Literatura infantil; CNLI; Estado Novo. |
| 10 | 2018 | Mafalda Franco Ângela Balça. | Em busca da relação (im)possível: entre a educação literária e a educação artística. | Educar em Revista (UFPR- Setor de Educação). | A literatura e as artes na educação e sua contribuição para o ensino. | Literatura infantil; Expressões artísticas; Escola; Educação literária; Educação artística. |
| 11 | 2018 | Elisa Maria Dalla Bona e Jair Tadeu da Fonseca | Análise de obras da literatura infantil como estratégia de formação do pedagogo professor: saber ler, saber escolher | Educar em Revista (UFPR- setor de Educação) | O Papel da literatura infantil e a formação de leitores | Literatura Infantil; Estética da Recepção; Formação de Professores; Ensino Fundamental I; Pedagogia |

| Nº | ANO | AUTOR | TÍTULO | REVISTA | TEMA | PALAVRAS-CHAVES DO ARTIGO |
|----|------|---|---|--|---|---|
| 12 | 2018 | Diana Maria Leite Lopes Saldanha e Marly Amarilha | O ensino de literatura no curso de Pedagogia: uma presença necessária | Educar em Revista (UFPR – Setor de Educação) | Formação docente e a literatura | Ensino; Literatura Infantil; Pedagogia; Formação Inicial Formal; Currículo |
| 13 | 2005 | Eloísa Zacarias e Maria Lucia Faria Moro. | A matemática das crianças pequenas e a literatura infantil. | Educar em Revista (UFPR- Setor de Educação). | O ensino da matemática com as histórias infantis. | literatura infantil; matemática pré-escolar; iniciação matemática e histórias infantis; conceitos aritméticos iniciais. |
| 14 | 2012 | Patrícia Dias Prado. | Os três porquinhos e as temporalidades da infância. | Cadernos CEDES (UNICAMP). | A literatura infantil e a construção social. | Educação infantil; Relações de idade; Literatura infantil; Criança pequena; Temporalidade. |

Fonte: Artigos levantados na Plataforma SciELO. Organizada pela autora.

Ao finalizar esta parte, acabei me deparando com a importância de escolher as palavras-chave que mais se aproximavam do que estava estudando; a busca posta de maneira geral traz muitas informações nas quais o estudo pode se estender e perder a especificidade; por esse motivo, a escolha das palavras-chave, ou descritores de busca, é um cuidado que requer muita atenção, é de grande importância para a pesquisadora iniciante. Uma busca mais refinada, mais específica, diminui o risco de perder informações importantes durante uma pesquisa, o que muito me ajudou a objetivar a busca e para me aproximar mais do que eu estava pesquisando como professora e pesquisadora em formação, a escolha de palavras-chave contribui para a organização de um tema, seja na construção de saberes, ou no ensino, ou na aprendizagem, sendo também um instigante exercício de pensamento.

Por meio da pesquisa bibliográfica vemos que a literatura é arte da compreensão que se dá por meio de experiências sociais e culturais, sendo todo este

processo de ler, transcrever, recordar e vivenciar parte de momentos que marcaram a infância. A busca dessa compreensão da autobiografia é uma análise profunda de nós mesmos e o quanto o espaço escolar contribui para nossa formação enquanto professores, visto que no campo da educação estamos sempre em contato com a leitura, escrita e registros daquilo que produzimos diariamente e trazendo isto para uma perspectiva voltada para a literatura infantil e sua importância acerca do contato com o livro e espaços literários que vão além da biblioteca, percebemos o quanto se fornecem meios de linguagem para uma expressão do pensamento mais efetiva como a autora aborda em seu livro.

E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente, a percepção do real [...] a literatura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da *língua*, da expressão verbal significativa e consciente. (COELHO, 1997, p.15).

Pensar a literatura infantil é pensar no processo de linguagem e de sua expressão verbal que se fundamenta por meio de exercícios mentais, pensando a respeito, a autora apresenta essa discussão acerca da literatura infantil abordando a formação de uma nova mente, pois este processo literário vem com uma forma de pensar e perceber por meio de nosso próprio eu, estas construções mentais que ao longo de nossas vidas vamos formando. Por isso suas experiências de ordem evolutiva durante as etapas de ensino na qual se observa uma abertura de ideias para o processo da criatividade, sendo que os primeiros contatos com a literatura desde cedo poderá permitir assim uma profunda concepção.

Explorar estes lugares que por vezes estão dentro da escola permite que o aluno crie memórias que futuramente poderão ser consultadas para a criação de uma escrita que virá em forma de cartas, diários, registros, textos entre outras formas de linguagens escritas e verbais, como professores e futuros professores em formação, devemos priorizar esta proximidade com a literatura e sua expressão que permite um desenvolvimento no diálogo entre o leitor e o texto resultante de uma formação mental de curto, médio e longo prazo de todo seu desenvolvimento.

Refletindo a respeito do que a literatura seria acerca do que carregamos de experiências ao longo de nossas vidas, Coelho pontua que a literatura é uma linguagem à qual nos expressamos, sendo ela particular de cada um, portanto sendo difícil de dizer exatamente como poderia ser definida tendo embasamento mais teórico

para tal afirmação, pois como nós trazemos experiências tão íntimas com a literatura, ela pode ter uma visão específica e complexa para cada um de acordo com suas vivências particulares. Como diz Coelho, “Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem expressa uma determinada experiência humana; e dificilmente poderá ser definida com exatidão” (1997, p.24).

Ao falarmos de literatura, relacionamos com os livros e com isso em nossa memória fazemos diversas associações e conseqüentemente essas estão inerentes a nossa experiência remetendo-se a questões de algum momento em nossa vida que nos marcou ou influenciou em alguma escolha, por exemplo, algum livro lido durante a infância que fez parte de todo o processo de aprendizagem contribuindo a formação de uma nova mente em que se instaura numa resultante experiência didática e pedagógica e a valorização destas relações com a literatura vão se dando ao longo de nossa história como um fenômeno de linguagem na qual como a própria autora traz com a finalidade de formar mentes e toda esta reflexão em que a autora aborda encontrou um sentido para a literatura infantil dentro do meio escolar e como elas vão surgindo e sendo desenvolvidas pelos professores em sala de aula e quando a autora também fala acerca da relação da consciência de mundo e de como ela predomina nos lugares em que se estabelece dentro e fora dos muros da escola.

Na atual sociedade em que vivemos pensar o contexto da literatura infantil tem se perdido, devido às tecnologias o acesso aos livros dentro da biblioteca vem diminuindo sua procura, e como professores deveram enfatizar o uso de livros dentro da sala de aula, a leitura de conto, poesias, histórias, teatro, música e até mesmo a escrita de cartas para a prática e o exercício da escrita literária como uma busca de aprendizagem para os alunos, sendo assim pode-se dizer que a literatura está inerente à arte como forma de expressão e aprendizado no contexto escolar que deve estar presente no cotidiano dos alunos e pensar que a literatura também se encontra em vários lugares, pois ela é uma forma de linguagem atribuída à escrita e a arte que associadas à prática pedagogia contribui para uma visão de mundo mais crítica tanto para os alunos como para a formação dos professores. Sobre uma visão mais abrangente de estimular a literatura infantil deve-se pensar no estímulo das emoções e do divertimento que a leitura causa no leitor pensando no público alvo infantil estas estratégias avançam causando interesse e gosto por ler sendo uma leitura interativa buscando cenários que se adaptem as faixas etárias de cada criança no desenvolvimento e amadurecimento de cada etapa trazendo esta perspectiva com

intenções de conhecer e explorar o mundo literário ao qual lhe está sendo apresentado.

O ato de ler um livro irá estimular registros de sua memória mesmo que ela naquele momento não saiba ler, pois as imagens farão com que ela desenvolva e o espaço escolar como um elemento educador que colabora para a formação de uma criança autônoma, ativa e crítica para tomar decisões, e esta proposta pedagógica trabalha estas questões com princípios que norteiam acerca da autonomia, o lugar do educador, a formação da equipe escolar, a participação da comunidade que vem trazer espaços mais atrativos para o desenvolvimento do trabalho, pois é através da linguagem que se capta o que a ela é direcionada. As palavras e o diálogo são elementos fundamentais no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança, portanto a literatura é fundamental para que isso ocorra como uma ação de aprendizagem adequada para ensinar sendo ela representativa através das fábulas e contos que estimulem a criatividade, pois a criança utiliza-se muito do pensamento (imaginação) para se comunicar no meio deste processo de livre pensamento imaginativo, portanto trazendo isso para o meio literário percebemos o quão importante à imaginação para que com as palavras ela possa se concretizar.

A literatura então vem como forma de estimular a aprendizagem sendo importante para sustentar o desenvolvimento pedagógico da criança e deve fazer parte das práticas disciplinares, pois na sala de aula acaba passando por situações onde sua liberdade de pensar, sua autonomia e reflexão sofrem uma interrupção e para quebrar estes paradigmas o exercício de trazer a literatura como uma abordagem de ensinar de um modo mais lúdico em que a criança possa se sentir à vontade para criar a sua própria história e criando o hábito de ler, visto que hoje se pensamos a literatura avança, mas é preciso que os professores possuam mais estratégias para que haja maior interesse ao que se diz respeito à literatura infantil nas escolas, criar ambientes que favoreçam e tragam para os alunos a curiosidade pela leitura e a escrita são maneiras de abrir espaço para que um avanço quanto à aprendizagem possa se atribuir e criar estímulos positivos, seja dentro da escola ou fora dela todo incentivo irá trazer grandes contribuições.

Um olhar para a literatura deve ser visto como uma maneira de explorar e vivenciar experiências quanto à linguagem e os modos de comunicação e interação entre o aluno e professor, pois se faz um exercício de compreensão do outro e de si mesmo para que se desenvolva nos aspectos de escrita para a intencionalidade na

qual se escreve, permeando por toda forma de comunicação em que se utiliza da literatura para tal abordagem nos critérios voltados para a educação dentro do espaço escolar e nas relações de diálogo que se estabelece nas práticas dos professores na sala de aula ao se trabalhar com a literatura em uma perspectiva mais ampla de conhecimento.

A partir das buscas feitas me utilizo de minhas próprias experiências de aluna e hoje professora em formação na qual me empenho para compreender como se dá a educação e os interesses dos alunos e de quais princípios eles partem, pois ao nos colocarmos na posição de observadores conseguimos extrair grandes informações que muitas vezes guardamos em nosso íntimo a fim de explorar o externo com base em nossas próprias vivências como um espelho em que reflete aquilo que vimos. Seriam assim nossas memórias? Ao observar o externo comparado às nossas anotações pessoais de outros, encontramos uma linha tênue entre o escrever, o que aquilo nos transmite e a curiosidade do aluno está em querer explorar e conhecer o novo e a partir disso uma nova percepção sobre a literatura aparece e para isso é necessário abrir horizontes que permitam que estes lugares da literatura sejam com propostas que atraem e tragam a curiosidade dos alunos e por isso, a literatura vem como um fenômeno de linguagem transmitindo ao leitor sensações que fazem pensar e refletir sobre o que está ao redor.

4. “BREVE TEORIZAÇÃO”

A autora Barbosa (2010) explana acerca da pesquisa autobiográfica e sua importância para a formação dos professores, revelando características que compõem esta pesquisa, visto que muitos autores importantes tanto na área da Educação, Ciências Sociais e da Filosofia também contribuíram. Dados destas pesquisas apontam forte mobilização desde a década de 1980, quando professores começaram a escrever suas autobiografias contando experiências próprias dentro de sua atuação como docentes e colocando isso como uma prática cultural, individual e social nas relações que se estabelecem dentro do âmbito educacional. Um exemplo que podemos citar aqui, entre os dados levantados por Barbosa, é a *Alegrias, Agruras e Tristezas de um Professor* (PASTOR, 1970), que fala das angústias e tristeza de um professor, no Brasil, contando sua trajetória no início de sua carreira de magistério no meio rural, apresentando fatos históricos sobre a construção das escolas nos bairros rurais, as instalações das escolas em meio à situação política e seu anseio como professor em seu início de carreira, trazendo elementos acerca da formação docente. Pensei em comentar sobre esta obra, porque há nuances de uma posição autobiográfica. Conforme o próprio autor vai narrando sua experiência que o próprio título já nos fala, adentramos as angústias que ele viveu no nordeste e o que ele passa ao longo de sua trajetória de vida como educador com as políticas, com o contexto, social e cultural. Assim como eu em processo de formação sendo a primeira em minha família a estar cursando o ensino superior, vindo de uma família culturalmente simples, contando a minha experiência como professora em formação me identifiquei com a obra que me revelou não somente questões sociais e culturais, mas também a contribuição que a leitura de uma obra literária pode significar na educação pedagógica, além da paixão que carrego pela literatura a qual abre caminhos para um mundo completamente novo. Acredito que todos nós, assim como Pastor (1974), temos nossas angústias e quando passamos esta para o papel, reinventamos nossos medos, criamos histórias, passamos nossa experiência a alguém, e mais, sendo o autor e personagem principal de uma história.

Relacionado a essa perspectiva, vem à afirmação de Moraes (2010) ao falar que pela pesquisa autobiográfica não podemos somente analisar pelo ângulo de sua subjetividade, aquele em que o autor expõe seus desejos, mas também de seu contexto social, cultural e linguístico, sendo diversas áreas de conhecimento que

contribuem para o efetivo trabalho dessa pesquisa. A “escrita autobiográfica é uma prática cultural, portanto, em larga medida simbólica, na qual interagem motivações individuais e sociais como as advindas das experiências familiares, em grupos de sociabilidade, nas relações com a escola, com a cultura.” (MORAES apud. BARBOSA; PINAZZA, 2010, p.114). Abre-se, com essas leituras, um espaço formativo na diversidade das formas literárias, contribuindo para a formação de professores, fundamentada na experiência do autor, da realidade e de seu meio social, na perspectiva de relatos orais, memórias, cartas, diários, biografias e autobiografias. E é possível encontrar uma singularidade na escrita em que o autor e o leitor interagem, enfatizando o ponto de vista do autor, que vai tecendo suas opiniões, reflexões sobre suas experiências e representações que foram socialmente construídas. Nesse aspecto, pesquisas autobiográficas que vêm sendo realizadas vão ao encontro na apropriação do método da escrita e de sua abordagem para a compreensão do mundo social onde estamos inseridos, visando uma narrativa moldurada de valores e de identidade na prática da leitura e suas possibilidades.

Na continuidade, há a referenciar a obra Memória de vida, histórias de leitores (LACERDA, 2003), em que nos apresenta o papel da mulher nos escritos biográficos e autobiográficos e sua importância no mundo literário, com suas contribuições ao longo das décadas. Especificamente, dá-nos a conhecer as mulheres que, de certo modo, foram trazendo a visão literária, quebrando padrões sociais de uma escrita autobiográfica que sempre foi fundamentada no tradicionalismo e, com isso foi trazendo suas experiências e visões de mundo e seus aspectos culturais, com uma reflexão mais profunda e crítica voltada para questões feministas e do papel social da mulher. Todo este processo literário com os textos memorialísticos e o papel da mulher, além do destaque às falas, foi dando início em meados do século XX, especificamente nos anos de 1960, às escritas autobiográficas: “O texto memorialístico carrega marcas que dizem respeito às fraturas sociais, sejam do passado, sejam do presente, e, portanto, é mais um discurso que retrata as ambiguidades visíveis e invisíveis” como nos aponta a autora. (id, 2003, p. 5).

Portanto, estes textos trazem à tona o papel da mulher em sociedade e a reflexão de como eram vistas e aceitas no meio social. Geralmente, suas autobiografias eram cartas a pessoas falando sobre suas angústias, história de amores proibidos e sobre suas relações com acontecimentos da vida, na época,

dentro de casa. Os escritos eram o modo que utilizavam para expressar seus sentimentos, pois na época muitas mulheres não podiam frequentar a escola.

As questões culturais sempre muito presentes tendo em vista que o Brasil, naquele momento, passava por uma crise política muito grande com o período da Ditadura Militar. Tem-se em mente que alguma liberdade de expressão ocorria em situação privada, sendo que muitos escritos foram perdidos e outros não publicados, exatamente pelo fato das críticas feitas, naquele período. Com isso, os movimentos feministas foram acontecendo, trazendo aspectos ligados à liberdade feminina e a busca pelos seus direitos.

Uma segunda razão que acabou favorecendo a produção autobiográfica feminina advém dos movimentos feministas, sobretudo aqueles ocorridos da década de 1960 em diante, desenvolvidos sob marcas expressivas das influências americana e europeia. (LACERDA, 2003, p. 56).

Atualmente, ainda presenciamos situações em que nós, mulheres, vivemos os estereótipos sociais tendo nossas liberdades privadas. Apesar de todo o processo da busca da liberdade e dos movimentos feministas, ainda vemos resistência na literatura, pois poucos são vistos ou falados acerca do *best-seller* de autoras femininas e de suas autobiografias sendo premiadas. Alcançamos um lugar na sociedade, mas ainda existem alguns padrões que devem ser quebrados. A busca para a valorização do trabalho autobiográfico deve ser resgatado trazendo a subjetividade para questões atreladas ao meio de desenvolvimento educacional e literário abrindo, assim, espaço para que os leitores e autores possam se libertar do padrão da literatura e ocupar lugares outros, pois aspectos abordados na literatura estão presentes em nossa vida de modo formal ou informal.

Ao abordar o tema de autobiografia, em uma perspectiva mais intimista como, por exemplo, diários e cartas, podemos saber mais sobre o autor e sua essência literária. Com relação à composição textual, esta pode muitas vezes ser uma autocrítica, crítica social ou mesmo a figura da mulher no meio literário. A autora Lacerda (2003) traz esta reflexão visto que, ainda, em nossa sociedade encontramos algumas resistências quanto à figura feminina, em aspectos que remetem à vida cotidiana, referenciados pela literatura. Certa independência e o desenvolvimento do trabalho autobiográfico vêm para quebrar alguns padrões postos na produção literária,

considerando a composição textual na relação com a subjetividade do autor e quanto isso pode colaborar para formação do sujeito.

Para melhor desenvolvimento das intenções acerca da literatura autobiográfica, sigo Arfuch (2002) que afirma, a respeito da autobiografia e seu impacto na abordagem literária, assim como o seu valor biográfico que contribui para o protagonismo da própria vida do autor, das memórias, dos diários. Estes relatos, como estratégias de auto representação, assim como valores culturais e sociais irão contribuir para que esse diálogo ocorra da melhor maneira possível, como pensar a própria vida, do sujeito como objeto de estudo pensando em um aspecto filosófico, artístico, científico e social. Os relatos apresentados de forma minuciosa são uma trama intertextual simbólica, política e transversal das memórias, narrando à vida. Sobre uma autobiografia mais moderna, de caráter um pouco “metafórico” dessas memórias, estas vão sendo buscadas pelo sujeito com hipóteses e objetos de investigação.

Tem-se que, diversos registros vão ser resgatados para que sejam delineados estes relatos da vida privada e social, como histórias, curiosidades literárias, impressões e experiências que marcaram a vida de uma perspectiva de autoconhecimento. Com auxílio bibliográfico, as palavras possuem um poder de comunicação muito grande e os escritos autobiográficos vêm com a memória do íntimo, como um lugar privado do autor, ao contar suas experiências por meio de relatos. Estes, muitas vezes do já vivido num passado de sua infância, ou os mais recentes de sua vida adulta. Tal discurso, acerca das experiências subjetivas, trazem valores de uma história na qual se expressam fatos que permitem uma possibilidade de construção social e cultural do sujeito. Trazendo esta reflexão para o âmbito educacional, vemos inúmeras experiências e transformações na literatura como exemplo de autores já citados ao longo deste trabalho.

O autor/ autora, então vai criar sua própria forma de escrita, seja em forma de um diário, de um relato ou de uma carta. Os lugares de escrita são muito pessoais do autor ao descrever seus discursos íntimos e toda forma de movimento autobiográfico traz a marca de uma trajetória que se converte em um instrumento de estudo, muitas vezes filosófico e artístico, exigindo a observação e intencionalidade para a realização da escrita. Há alguns autores que desenvolvem este método de escrita e defendem seu estudo afirmando o comprometimento e as muitas formas literárias que ela alcança.

Catelli (2007) afirma ser a escrita autobiográfica privada e pública, com uma visão e intenção de caráter indefinido, com algumas reflexões peculiares do próprio autor. Ao escrever suas propostas com significados culturais, a criação de palavras, as expressões das memórias e intenções filosóficas, sociais e políticas, atribuem significado à escrita autobiográfica que desenrola, pois traz perspectivas mais íntimas.

Ao citar como exemplo a obra literária *Robinson Crusoe* (DEFOE, 1719) que descreve a história, o personagem com sua identidade e interpretação, mesmo sendo uma obra de ficção, traz elementos que tratam o desenvolvimento de toda a história. O conteúdo pedagógico que carrega como um discurso íntimo, antropológico e sociológico traça possibilidades de significados dos discursos assim como certa liberdade de imaginação e exploração da memória, em busca de informação que acrescente ao desenvolvimento autobiográfico.

A existência e essência individual de cada ser humano caracterizam suas escritas e ideias, sendo a memória algo estritamente particular de uma relação complexa de ruptura entre a imaginação e o que já está a ser feito. O “padrão” que a autora nomeia como autobiografia intelectual é uma reflexão de gênero teórico da memória, que se assemelha a uma personificação de narrativa autorreflexiva do sujeito. Partindo de uma identidade filosófica, sendo evidenciadas de modo cronológico, as experiências oriundas de memórias se convertem em escritos pessoais de observação. Com a personificação principal de uma autobiografia assentada em significados e interpretações naturais e singulares, na linguagem escrita de argumentação textual, o autor se coloca e expõe suas próprias experiências contextualizando-as em uma estrutura linguística que se manifesta de forma verbal e interativa. Com isso, a visão do leitor, perante a autobiografia, seria pessoal, com posicionamentos pessoais de caráter intersubjetivo de reflexão.

Ao abordar os escritos do diário, Catelli (2007) se volta, para a figura feminina e o quanto a escrita se expressa de um modo diferente, ao discutir assuntos religiosos e culturais como gênero e registro de si mesma. Nesse aspecto, é difícil encontrar uma definição sobre o diário feminino, especificamente, pois o íntimo é algo interiorizado, sendo difícil uma intervenção, por serem subjetivos os registros e experiências.

Camargo (2010) aponta os espaços bibliográficos, a biblioteca que nos constitui, as experiências ao longo da vida que temos, como a leitura literária, o manuseio da biblioteca, que fazem a literatura como lugar de formação acadêmica,

não deixando de ser artística e compondo nossa existência pessoal na construção do “eu”. O subjetivo e o singular de cada um de nós tende a fugir do que é padrão de leitura na busca diária da reflexão, da aventura na escrita de modo que expresse um diálogo de texto e palavra transmitida pelo próprio autor. Através da linguagem e experiência na construção de uma ideia, que transcenda a condição social da escrita, que trace a literatura como experimentação, por meio da linguagem se estabelece um diálogo de ideias e afinidades. No que condiz a processos de escrita, pelo autor, contribui para um eixo metodológico no campo da autobiografia, que se assume como reflexões sobre o ato de escrever. Dos cadernos íntimos, diários, cartas e até mesmo textos acadêmicos, alguns questionamentos são feitos acerca do campo autobiográfico e suas contribuições como fontes de materiais de estudo.

Sendo assim, tais estudos autobiográficos seriam o exercício da escrita se tratando de um mergulho no próprio “eu” na busca do autoconhecimento para a reflexão além da retórica de ficção, texto, escrita e memória. No entanto, transpassar as formalidades nestes campos, trazendo a veracidade de contribuições significativas para o estudo e os espaços em que ela se configura como um momento de autorreflexão, na perspectiva dos sujeitos, constrói-se uma ponte entre o artístico e o científico.

Tem-se em vista que o desenvolvimento literário se dá pela busca do novo e aquilo que se expressa através da escrita ultrapassa os padrões literários de uma maneira a ocupar outros lugares e de se estabelecer ideias das quais os escritos autobiográficos são uma submersão em si mesmo, como um objeto de estudo empírico e subjetivo. Transcende, portanto, o olhar para uma visão mais interna de si mesmo, porém de teor acadêmico para apoio nos estudos que se expressa através das memórias.

Desse modo, escritos íntimos podem contribuir para a formação do profissional docente e toda experiência advinda de momentos em que a literatura atribui significados e estes, sejam particulares, “íntimos”, ou acadêmicos, fundamentam de modo teórico-metodológico, ressignificando todo o trabalho desenvolvido. As pistas de memórias que são resgatadas para a organização neste campo bibliográfico, de gênero pessoal, atribuem relevância a uma reflexão da escrita pessoal.

Souza (2007), em seu artigo que tem como objetivo uma reflexão e busca acerca do trabalho e desenvolvimento da autobiografia, no campo da história da educação, social e de histórias de vida que buscam novas perspectivas que

contribuam para o efetivo desenvolvimento teórico-metodológico aponta que a autobiografia pode acrescentar na formação acadêmica. Aponta também que a autobiografia passa por conhecimento em outras pesquisas no âmbito da história da educação e seus processos para a própria produção de fontes, sejam elas históricas culturais e históricas sociais de visão pedagógica como as memórias, histórias de vida, narrativas pessoais, midiáticas. Indo além, as autobiográficas inseridas no processo da pesquisa, deixam marcas da intenção do autor ao trazer estas questões para serem discutidas e pensadas no âmbito da História da Educação, Didática e Formação de Professores, destacando as experiências vividas e pensando a escola como fonte principal para que esta contribuição educacional se fundamente nas questões de formação acadêmica dos profissionais docentes. As marcas trazem ou traduzem sentimentos e reproduções como práticas de formação que se apoiam em bases de abordagens biográficas. Pensando na educação brasileira, é possível pôr em discussão a formação continuada de professores na intensa busca de fenômenos sociais para a melhor compreensão de estudo do indivíduo ao qual se orienta a esta forma de pesquisa. Têm-se, no horizonte, a valorização de quem atua no meio educacional, considerando o contexto histórico e cultural em que estamos inseridos, porém se fixando no campo subjetivo que articula as memórias de experiências vividas neste âmbito de conexões e lembranças de circunstâncias da vida de cada. Nesse sentido, torna-se uma produção de conhecimento que não se dissocia do subjetivo, íntimo e público daquilo que suas memórias trazem voltadas para o campo didático e histórico da educação com complexidade de uma existência no mundo que se alimenta de elementos culturais, artísticos, sociais e científicos. Resistindo a padrões convencionais e restritos de escrita, o autor traz a investigação e depoimentos pessoais contribuindo para a formação continuada dos professores, sendo, nessa perspectiva, a autobiografia e seus relatos orais e escritos conferem importância à subjetividade na formação da professora, da pesquisadora, neste processo de busca de informações atendo-se em seus diários, cadernetas, relatos e saberes pedagógicos como referências para o trabalho docente na sala de aula e fora dela, assim como faz o professor o sujeito de sua própria trajetória no cotidiano fazendo sobressair a singularidade de suas experiências e saberes.

Mediante tais pressupostos, ao considerar que a literatura vem com a intenção de uma linguagem que contribua para com o processo de formação inicial e continuada da professora, há que considerá-la também para o processo de o

desenvolvimento da criança no que concerne aos aspectos para uma formação que estabeleça uma experiência criativa e crítica. A criança também faz sentido às experiências vividas mediando seu desenvolvimento até a vida adulta. Sendo assim, o professor, a professora, considera a proposição de atividades que estimulam que desafiem a criatividade e desperte a curiosidade de conhecer e aprender.

Ser leitor. Ser leitora. Leitura como prática. Leitura como formação.

Leitura mediada pela diversidade das formas literárias. Leitura como produtora de conhecimento de mundo. Literatura como campo fértil de possibilidades de conhecimento, sobretudo de formação. Para a professora que ora (se) forma e se pensa enquanto se forma e levando como possibilidade para seu futuro trabalho docente.

5. MINHA HISTÓRIA...

O envolvimento que tive com a literatura se deu desde os cinco anos de idade, quando comecei a ler. Esse gosto pela leitura se firmava ao longo dos anos. O meu trajeto e experiência com a leitura até os dias de hoje são bem mais amplos, devido também ao curso de licenciatura em Pedagogia que permite explorar espaços dentro e fora da escola, e isso também é muito importante ao se ter no horizonte o trabalho com literatura, com as crianças.

Na minha formação inicial, desde o Ensino Fundamental, tive a oportunidade de me adentrar mais nesse universo da literatura. Aos dez anos de idade comecei a escrever um diário onde contava como foram meus dias, minhas angústias, sendo esse um dos contatos que tive com a escrita de um registro de modo mais informal. Esse interesse notoriamente expresso em minhas memórias veio, em grande parte, do incentivo de minha mãe, que apesar de não ter concluído seus estudos, me contava suas experiências de leitura na escola, quando pequena, e todo aquele contexto e cenário me faziam querer buscar mais.

Fui crescendo e conforme iam passando os anos e as etapas de escolarização cada vez mais foram me identificando com as práticas de ler e de escrever. Lembro-me que no Ensino Fundamental, já vivendo minha adolescência, gostava muito de escrever versinhos, poemas e ler poesias, ficando, às vezes, horas, mergulhada num mundo outro com a caneta e um pequeno caderno em que escrevia o que sentia ou o que acontecia naquele dia. Sempre usava, como inspiração, momentos que observava no dia, as pessoas e seus movimentos, eu viajava naquele momento e todo este processo foi se eternizando em mim. Já no Ensino Médio, o lugar que mais frequentava na escola, era a biblioteca, ficava perdida no meio de tantos livros e, nessa perdição literária, eu me encontrava. Gostava de Jorge Amado, Fernando Pessoa, Clarice Lispector e tantos outros que, se listar aqui, me perco. Cheguei até a ler livros de teor um pouco mais acadêmicos como *O Mal-Estar da Civilização* (FREUD, 2011) e *o Admirável Mundo Novo* (Huxley, 2014), e minha paixão pela literatura foi crescendo cada vez mais até que, atualmente, encontro-me cursando licenciatura em Pedagogia. Como futura professora, atuar nesse lugar que é a escola, pode me oportunizar aprofundar-me mais segundo as experiências que venho vivenciando, inclusive acercando-me do processo da escrita e da experimentação da literatura. Literatura que, percebo, não está somente viva e presente dentro dos

prédios escolares, mas também está fora quando a trazemos para dentro de nossas vivências. A literatura, assim sendo concebida, como uma leitura ampliada de mundo, e aberta a modificações nessa leitura de mundo, pela linguagem poética e política da literatura, faz parte de cada um, de cada uma de nós com sua possibilidade de singularidade, acesso, preferências e multiparticularidades. Os próprios cartazes, filmes, músicas e imagens são formas de literatura que se encontram presentes em nossas vidas cotidianamente.

De minha vivência, trago estas lembranças que remetem aos espaços literários que eu frequentava, sejam eles dentro ou fora da escola, e das experiências que me acrescentaram conhecimentos dos quais hoje utilizo para compor este trabalho. Acredito que a curiosidade, por exemplo, pode ser uma ponte que nos conecta com a descoberta de coisas novas e ressignificam as já vividas ao longo de nossas vidas. Elementos autobiográficos são a imersão no próprio eu e as escritas se mostram na singularidade das experiências relatadas.

Trazendo isso para o âmbito da educação vemos o quanto as nossas experiências, enquanto seres humanos em formação, até à inserção na vida acadêmica, se transforma pelas experiências que atribuem significados sociais e culturais. A cada livro que fui lendo e buscas bibliográficas acerca da literatura que tanto pode se dar formalmente através de livros, como também através da música, diários, registros pessoais, cartas, poesias etc., experiências tornavam-se vivas. Sempre gostei de escrever e ler e esta forma de comunicação visual e de oralidade sempre me abriram horizontes para querer aprender o que o universo literário pode nos oferecer. Uma viagem literária nos transforma como também acrescenta muito ao nosso vocabulário. A prática de ler se deu, para mim, desde os cinco anos, se assim puder afirmar; sempre me pegava lendo receitas que vinham no rótulo de embalagens e me recordam que em processo de alfabetização eu andava pela rua sempre lendo o que encontrava escrito nos *outdoors*, lia jornais e, qualquer palavra que ali formava, me deixava alegre e me intrigava. Ao mesmo tempo em que estas letras juntas podem nos apresentar o mundo de várias maneiras, penso que seja como quando você assiste a um filme ou até mesmo ouve uma música, é como viajar em sua memória e ela te leva a momentos de sua infância, acontecimentos recentes ou até mesmo momentos que você simplesmente imagina ou que passam a existir a partir das palavras ali postas, depois de lê-las e ouvi-las.

Por esse motivo, sempre me descrevi nesses momentos como uma criança curiosa sempre interessada em aprender e o mundo da literatura foi aonde me encontrei. E fazer, escrever diários quando criança e escrever versos eram dos meus passatempos favoritos. Conforme fui crescendo, a afeição pela literatura, escrita de registros pessoais, anotações, leitura de diversos livros, cartas e diários eram coisas que se tornavam cada vez mais importantes para mim. Uma professora de Língua Portuguesa, no 2º ano do Ensino Médio, me incentivou bastante com as escritas de poesias. Por elas, me inscrevi em um congresso de escritas poéticas na escola sendo a minha uma das selecionadas. Fiquei muito contente e essa experiência foi cada vez tornando maior a paixão pela escrita, que deixava de ser um *hobbie* simplesmente, para ser algo de uma busca incansável do conhecimento.

Hoje vejo a importância da literatura em minha vida como uma forma de me expressar e aprender sobre várias culturas, sejam elas a respeito de seus valores e em suas linguagens. Ao longo de minha formação escolar cresci bastante quanto à escrita e formas de representações acerca da literatura, pois escrever foi um hábito que fui criando ao longo do tempo, seja sobre anotações, poesias e diários meus dos quais alguns ainda tenho guardado.

Ao me recordar de minha infância recordo-me que tive, em muitos momentos, contato com a literatura como, por exemplo, ouvir histórias que meu pai me contava de sua infância e histórias que ele lembra, pois meu avô contava e isso passou de geração para geração. Meus irmãos e eu ficávamos sentados com as luzes apagadas ouvindo suas histórias e isso marcou muito minha infância fazendo com que, hoje, eu tenha esse gosto pela literatura e fazendo-me acreditar numa forma de ensinar de modo mais prazeroso como o foi para mim. Todos estes momentos em que a literatura se faz presente em minha vida me faz acreditar que a literatura é transformadora. Lembro-me também de minha mãe sempre me comprando livros e me ensinando a ler e passava as tardes lendo livros dos quais ainda hoje me recordo dos nomes. E como a literatura se expressa também através das músicas, tive esse contato em aulas de música, permitindo que o mundo literário se fizesse sempre presente e todo o respeito pela escrita, pela música, pelo ouvir histórias. Escrever diários e cartas sempre foram coisas que me chamavam a atenção.

Durante meu Ensino Médio tive professores que me incentivaram muito a mania de ler e que sempre estava ali frequentando a biblioteca e conversando sobre o gosto de ler. Um dia um professor me deu um livro que até hoje guardo com muito carinho.

Lembro-me do quanto isso para mim foi importante, esse incentivo, as trocas de experiência acerca da literatura, a quantidade de livros lidos durante um ano, quais livros foram lidos e contávamos sobre o quanto cada história trazia. Nas aulas de história eu me encontrava quando ouvia sobre o passado, as guerras, lutas ideológicas, sociais e culturais que, escutando-as, pareciam romances. Ali me aventurava em um mundo em que, desde fatos, eu fantasiava o cenário, os personagens, a vestimenta, os sons e cheiro, tudo como num filme que descrevia em minha cabeça.

E depois de apresentar um pouco sobre minha história, vou falar sobre momentos que foram marcantes em minha vida quanto às experiências com a literatura.

5.1 O PRIMEIRO LIVRO QUE GANHEI...

Certo dia, indo com minha mãe ao supermercado, passamos pela sessão de materiais escolares. Eu sempre gostei dessa parte do mercado, ver materiais escolares, canetas, lápis, borracha, cadernos etc. Acho que já era um sinal para ser professora. Então, minha mãe escolheu um livro para me ajudar com a leitura já que estava iniciando este processo. Este primeiro livro foi muito especial para mim, tinha cinco anos na época e foi daí em diante que começou a paixão pela literatura. Lembro-me até hoje desse livro que chamava *Animais Recortados: O coelhinho Teobaldo* de Roberto Belli, tinha um coelhinho marrom na capa com o fundo verde da grama e ele tinha o formato do coelho. Eu ficava admirada com esta capa e fui aprendendo a ler, juntando as palavras e foi com ele que aprendi a ler, por isso o nomeio como “o livro especial”. Tentando ler aquela história, ria porque ele era um coelho bem levado. Ainda, às vezes me pego rindo de lembrar essa história de tanto que a li, decorando-o, e em minha memória lembro-me dele nitidamente e de como isso marcou minha infância.

5.2 O LIVRO QUE MARCOU MINHA ADOLESCÊNCIA...

Em minha adolescência a paixão por ler ainda existia e só aumentava porque já havia ultrapassado as barreiras da aprendizagem inicial da leitura e da escrita, com mais idade e com uma melhor compreensão. E neste dia passeando pela Biblioteca

Municipal da cidade onde morava que era o local que gostava muito de ir, encontrei um livro que marcou muito a minha adolescência durante o Ensino Médio. Um dos livros da saga Os Karas, A Droga do Amor (BANDEIRA, 1994). Lembro até hoje desse título tão sugestivo que a princípio pensei: “Um livro com esse nome é um pouco assustador!”, mas um livro de mistério e de uma aventura alucinante que me prendia a cada capítulo e que mostra o valor da amizade e já que eu tinha poucos amigos, fiz amizade com os livros e digo: - um bom companheiro é o livro! E assim fui lendo e mergulhando nesse mundo de fantasia que por muitas vezes me imaginava dentro da história como se eu pudesse me encontrar com cada personagem. À noite, eu me escondia no meu quarto e ficava com os olhos fitados em cada detalhe da história para não perder uma pista sequer do que poderia acontecer. Livro de romance? Ah... Como eu gostava! Ainda gosto! São meus preferidos. E essa lembrança só me faz querer voltar no tempo e poder ficar lendo horas e horas os livros que escolhia para ser a minha sessão de leituras.

5.3 DO LIVRO AO FILME...

Indo para a biblioteca que ficava no corredor da escola (um lugar que frequentava toda semana), fui conversar com a bibliotecária com quem fiz uma amizade muito grande e até hoje me recordo dela, tão simpática, que dava dicas de livros maravilhosos para ler. E ela me indicou um livro que gosto muito e considero um clássico que é Capitães da Areia (AMADO, 1937). Esta maravilhosa obra literária eu li no 3º ano do Ensino Médio bem já na época dos vestibulares. Lembro que ele foi mencionado pela professora de Língua Portuguesa e curiosa logo fui à biblioteca para iniciar a leitura. Eu me recordo que me emocionei muito com ele pela história triste que ele carrega e imagino como seriam os personagens quando o autor descrevia, as vestimentas, os trejeitos de cada um que pareciam adultos, mas eram adolescentes como eu. Essa obra fantástica me deixou tão curiosa que assisti ao filme também e ali pude viajar ainda mais com as cenas que havia construído em minha mente de quando fiz a leitura. E vendo as cores na TV, misturadas com as imagens que havia criado só me estimulou mais a buscar algumas obras literárias que foram depois produzidas cinematograficamente. Isso realmente foi algo que nunca vou esquecer-se da mistura da fantasia dos personagens na cinematografia da minha mente.

5.4 A CURIOSIDADE DE LER...

Um dia conversando com a professora discutindo sobre a autobiografia e como este trabalho é muitas vezes íntimo e pessoal, ela mencionou um livro que há muito tempo queria ler. O Diário de Anne Frank (FRANK, 1995) queria ler desde o Ensino Médio, mas nunca conseguia pegar para lê-lo; até hoje penso o porquê de não conseguir ler já que muitos falavam que gostaram bastante. Foi passando o tempo, li tantos outros (sempre lendo tantos livros) e nada de conseguir lê-lo, até que agora na graduação a professora me recomendou e me emprestou. Lendo ele eu pensei: “nossa, porque demorei tanto para ler este livro?” Eu lia cada página e me encontrava junto com Anne em tudo que ela descrevia e cada ponto e vírgula era um suspiro. Que leitura prazerosa! Vocês que já o leram sabem do que estou falando e aos que ainda não leram, por favor, leiam e não faça como eu que demorei tanto tempo. Bom, pensando hoje vejo que se eu tivesse lido ele antes não entenderia muito o que ela passou, então fico feliz por ter lido e compreender que um livro é um tesouro. E, obrigada professora, por ter me dado a oportunidade de experimentar um pouco desta obra e, por ela, caminhar para compreender que autobiografia tem seu papel importante na educação.

5.5 DA LEITURA ÀS ESCRITAS POÉTICAS...

Por sempre buscar livros para ler, comecei a ter vontade de escrever, então comecei a escrever poemas, poesias e versinhos. O primeiro poema que escrevi foi em um caderno que ainda não tinha sido muito gasto, pegando-o em minha cama que ficava frente à janela. Era uma tarde de sábado, eu estava um pouco entediada e o dia estava com aquela brisa, vento tão gostoso! Coloquei os fones de ouvido com uma música calma e comecei a imaginar cenas que vinham em minha mente que a música me inspirava a escrever, então a caneta na folha do caderno deslizava como um pincel em minhas mãos e ali eu escrevia, e estes eram os momentos em que ficava submersa num cenário que eu criava. Muitos poemas eram inspirados em amores impossíveis assim como nas histórias mais românticas que assistia nos filmes e lia nos livros. Uma romântica incurável eu me achava, e depois que saía deste cenário ficava pensando nos grandes escritores da época, de onde vinha a inspiração deles, onde eles se sentavam para escrever e como eles se sentiam naquele momento. Toda

essa sensibilidade me transmitia segurança nas palavras e melhorava minha leitura e vocabulário. Bons momentos se tornam lembranças e muitas poderão ser escritas.

5.6 JANE AUSTEN: A AUTORA QUE MAIS GOSTO...

Não poderia deixar de falar desta incrível autora e de suas principais obras como *Orgulho e Preconceito* (AUSTEN, 2019) e *Razão e Sensibilidade* (idem, 2009) os quais considero clássicos literários ingleses. São romances de época que mostram em sua história a vida de mulheres em uma sociedade machista. E a paixão por esta fabulosa autora foi descoberta em minha adolescência na qual buscava uma leitura mais diversificada e com detalhes de época e romance; foi então quando descobri suas obras e me encantei por estas duas histórias cheias de luta, emoção, paixão e amadurecimento feminino. Lendo essas obras, pude compreender mais acerca de como era a época dos anos 1800 através do olhar da autora e cada vez mais fui tomando gosto por ler livros com conteúdos mais acima de uma leitura comum com um olhar mais crítico e profundo acerca das coisas e isso foi uma experiência com a literatura que me agradou muito; por esse motivo a considero uma escritora brilhante que escreve frases inteligentes, que é cheia de conhecimento e cultura de vida e de momentos sociais da época em que vivia. Só me imaginava naquele contexto e me colocava em cada situação que a personagem passava, sem falar nos detalhes com que ela descreve seus personagens, com força e personalidade.

Eu buscava encontrar com qual personagem eu me identificava mais e discutia a história com amigas minhas que leram também; foi um momento de troca e aprendizagem sobre essa escritora, que entre as palavras com as quais me expresso melhor acerca é: fabulosa! Considero Jane Austen a minha autora predileta e com histórias de suas obras completas na literatura, satisfazendo minhas curiosidades e gostos pessoais literários do qual me identifico e muito aprecio com bons temas e qualidades que transcende o “inacabado” de uma obra.

5.7 BRIGUEI COM O AUTOR CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE...

Acerca deste muito famoso escritor de poemas brasileiros do qual li algumas de suas obras, e discuti com ele ao ler, pois sempre encontrava uma dificuldade em compreender o que havia por trás de seus poemas e o que ele queria dizer nas

entrelinhas, por este motivo briguei com ele, perguntando qual sentimento queria me provocar ao ler aquelas linhas tão extensas cheias de mistérios e ditados que naquela época de minha vida não compreendia muito bem o que José deveria fazer e porque havia aquela pedra no meio do caminho e porque havia uma quadrilha de amores que ninguém amava ninguém eram tantas as paráfrases que minha cabeça dava um nó.

E então, mais adiante, lendo e relendo, pude compreender o quão brilhantes eram seus poemas utilizando paráfrases para explicar acontecimentos de nosso cotidiano, que pedras há em nosso caminho que nos fazem tropeçar e, muitas vezes neste caminho, somos como José, de E agora, José? (ANDRADE, 1942) que precisa saber o que fazer em uma quadrilha de amor que se encontra na vida que é assim, um mundo grande. Que vai muito além de nós e pedras entre nós, laços que nunca são desatados, amores que nem sempre são correspondidos, dores que nos fazem amadurecer, mistérios que não se podem entender, porque a vida está sempre a nos surpreender.

5.8 AGATHA CHRISTIE E MEUS MOMENTOS DE RAIVA...

Outra autora que li bastante de suas obras foi Agatha Christie, escritora britânica com suas fantásticas histórias de romance policial contendo muito mistério e suspense. E um deles, muito famoso por sinal, se chama O Expresso do Oriente (1933), uma das obras clássicas dela que até foi produzido um filme também muito bom, que me encheu os olhos de emoção e também de momentos de raiva de seu personagem principal, Hercule Poirot, que em alguns momentos da história parece não querer resolver os crimes porque já se sente cansado.

A história tem suas suspeitas e reviravoltas que me deixaram apreensiva, mas que foi se desenvolvendo com desfechos impressionantes e que me deu, sim, momentos de raiva porque tentava também ser como Hercule Poirot e nunca desvendava os crimes. Mas, afinal, não tem detetive fictício melhor que ele. No final, elementos e detalhes da história vão se encaixando e os momentos de raiva vão passando. A raiva é porque tentava fazer todo mundo entrar nos vagões pensando, como Poirot, que cada pessoa ali referida poderia ter cometido aquele crime bárbaro. A história é fascinante e me prendia a cada capítulo e eu realmente sentia a angústia do detetive e os momentos de raiva que ele passou ao pensar que havia encontrado o culpado.

Mas vou deixar aqui o suspense e deixar que, assim como eu, possam tentar mergulhar nesta fantástica história cheia de sentimentos que levam até aquele Expresso do Oriente, um vagão cheio de pessoas de alta sociedade com seus valores e importância, fazendo-lhe sentir sensações como se realmente fosse uma personagem da obra resolvendo um crime cheio de peças de um quebra-cabeças, que você tenta montar até que se encaixe.

5.9 JOSÉ SARAMAGO ME FEZ CHORAR...

Esse autor de obra que entendo como extraordinária, me fez chorar em seu livro *Ensaio sobre Cegueira* (SARAMAGO, 1995) que fala sobre a epidemia de uma cegueira branca que se alastrou pela sociedade, pondo em uma situação de caos a população, desestabilizando assim a sociedade e a situação política. Lendo-o, eu pude mergulhar na história e me colocar no lugar daqueles que estavam vivendo aquela situação desesperadora ainda mais sem a visão do que se sucederia? E o autor em sua escrita vai delineando o trajeto da história de cada personagem que me fez refletir acerca de viver na dependência de outras pessoas, e isso me fez ver que olhar o mundo através de outros olhos ensina o quanto ele pode ser diferente para cada um de nós, pois cada qual tem sua percepção de mundo, crenças, opiniões, formação, cultura e classe social. Porém, quando somente um olhar pode te mostrar o mundo à sua volta não existe nada dessas segregações, conhecimento ou a situação econômica que vivemos e por um breve momento nos tornamos todos exatamente iguais e que nossa sobrevivência depende do outro.

Foi esta análise que fiz, ao ler esse livro, que me sensibilizou o olhar e o pensamento para com o mundo atual em que vivemos e me revelou ainda mais o quanto a literatura pode contribuir para a humanização do sujeito, quanto à sua essência humana, que através de palavras que foram inspiradas ou até mesmo escritas, por algo que nunca se imaginou passar, que pode acontecer. E registro aqui, no ano em que estamos vivendo agora, 2020, uma pandemia que se alastrou por todo o mundo, uma pandemia, pode se dizer, planetária, nos fez sentir e ser como cegos buscando viver em meio ao caos e pânico olhando à distância o sofrimento de muitos outros e na dependência do outro para nossa própria sobrevivência que ao mesmo tempo, parece igualar-nos uns aos outros na distância, mas que nos causa impotência e nos paralisa.

5.10 O REENCONTRO COM A MINHA INFÂNCIA. RELENDO “O COELHINHO TEOBALDO”...

Um fato que me ocorreu há algum tempo na biblioteca da escola em que eu trabalho como bibliotecária em uma escola municipal de Ensino Fundamental na cidade em que moro. É uma biblioteca pequena, mas possuí bastante livros nos quais fui responsável por catalogar e organizá-los. Toda semana atendia os alunos que iam retirar seus livros e sempre tendo também a liberdade de indicar livros para os professores trabalharem com os alunos. Neste dia ao mexer e organizar uma das estantes encontrei um livro que, ao pegá-lo, imediatamente comecei a sorrir e várias memórias naquele instante da minha infância me vieram a cabeça. Sim, era aquele livro que estava lendo na minha alfabetização e abrindo-o vieram à minha memória tantas recordações que eu somente sabia sorrir e pensar: que “belo reencontro este!” De um acaso encontrei a história que marcou minha infância.

E isso só me mostra que nunca me enganei quanto à paixão pela literatura e que um livro pode marcar positivamente sua vida e trazer memórias de momentos agradáveis, e minha infância foi marcada por este momento que sempre quando me recordo, parece que até vem um perfume, aquele que reconhece quase de imediato quando você abre aquele livro novo que ansiosamente você quer ler. É essa sensação que tenho agora descrevendo isso. Cultivei, para mim, o ato de reencontrar-me com os autores, de chorar, rir, viver o drama e o suspense junto com eles porque são essas ações que a literatura provoca em mim. O desejo de me aventurar sem me deslocar do meu lugar e viver momentos inesquecíveis guardando pistas de memórias que podem ser compartilhadas de modo que contribuam para uma experiência literária que pode compreender, o ensino, sobretudo a formação, a vivência, sobretudo cada percurso literário.

E assim descrevo minhas memórias. Ainda hoje me sento às vezes para escrever versos e poemas imaginando cenas e pessoas, me inspirando no prazer que é escrever e o quanto me permito viajar pelo mundo inteiro sem necessariamente sair de onde estou, para me aventurar em histórias de mocinhas, heróis e vilões, daquele que começa com era uma vez e termina com felizes para sempre. Ou não. Mas que, sem dúvida, deixa, cultiva, acalenta, produz, revigora marcas inventivas. Pela literatura. Pela leitura.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão deste trabalho para mim é como mergulhar no profundo de mim, por este vívido motivo gosto do termo submerso porque é o que acontece quando entramos em contato com a literatura, submergimos ali, naquela história, naquele relato, ou diário, ou informação que está ali apresentada. Buscar por meio das memórias de minha infância e experiências com a literatura uma pista do quanto venho amadurecendo durante a jornada faz com que um baú se abra sendo que dentro dele há várias histórias e memórias que me estruturam hoje, como uma aluna e professora em formação. Porém, confesso que encontrei muitas dificuldades, pois falar de nós mesmos é algo que requer uma interiorização muito profunda em si mesmo, mergulhando em memórias, se desnudando de si, trazendo assim recordações das quais por algum motivo foram guardadas tão secretamente que exteriorizá-las requer uma delicadeza de um poeta.

No entanto, apesar destas dificuldades fui transcrevendo minhas memórias de modo a auscultá-las tomando nota do significado que é para mim ser leitora professora em formação quando me colocando atenta a cada lembrança sentindo estar naquele tempo novamente, pois são essas lembranças que me compõem hoje como autora de minhas histórias e como estas podem contribuir para a formação de outros também.

E com isso, acredito que as experiências adquiridas ao longo da vida fazem com que eu veja esses objetivos de ensinar por meio da experiência, que venho compartilhando e de como professora desejo alcançar e transmitir aos alunos. Tenho a expectativa de que também eles possam ter bagagens literárias para compartilhar ao longo de sua jornada escolar. Vejo-me na quase militância de trazer aos professores em formação e alunos a importância de um olhar para si mesmos acerca de suas vivências, a importância de compartilhar materiais disponibilizados, livros e meios literários, e tudo aquilo que eles já trazem de conhecimento adquirido de casa. Quanto aos professores, pôr em pauta a contribuição para uma formação de conhecimento mais amplo que possibilite ampliar vivências e situações que se abram a atividades diversas, mutantes. O diálogo é fundamental na troca de experiências, pondo em destaque a experiência pela vivência na escola como meio socializador para o processo de construção deste conhecimento.

Quanto à abordagem e perspectiva da educação voltada para suas práticas pedagógicas, a literatura em suas formas diversas pode ter lugar na educação infantil.

Quanto aos autores mencionados ao longo do trabalho, que discorrem acerca da importância da autobiografia na formação inicial e continuada dos professores, pode-se relacionar, por exemplo, a feitura dos diários de classe e dos registros semanais, nos quais se detectam elementos que remetem a pistas de registros autobiográficos. Pode-se detectá-los nos relatos pessoais pensando-os como instâncias de autoformação. Vejo o quanto é fundamental que os alunos possuam acesso a várias formas de leitura para o seu desenvolvimento intelectual, cognitivo e sua forma de escrita. Processos de aprendizagem que vão muito além do simples ato de ler. Lendo, o/a aluno/a, criança, pratica a leitura, a escrita, aprende mais sobre oralidade, ortografia e gramática. Também trabalha a imaginação, fazendo-o criar possibilidades e maneiras de ver o mundo.

Por que gosto tanto de ler? Por que gosto de ler literatura? Por que escolhi ser professora? Penso que essas três perguntas têm uma resposta só, e ela se encontra na minha história.

Concluo aqui este trabalho com um sentimento de gratidão, pois foi um longo caminho até aqui percorrido, porém deixando um grande aprendizado enquanto pessoa, aluna e professora em formação, me vendo enquanto criança, curiosa ao pegar o livro, enquanto adolescente, fantasiando histórias e hoje, enquanto adulta, sendo escritora de minhas próprias histórias nas quais pude buscar pistas em minhas memórias me encontrando com meu próprio eu e ter uma conversa a respeito de como a literatura fez e ainda faz parte de minha vida.

Referências

- AMADO, Jorge. *Capitães de Areia*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008. 269 p.
- ANDRADE, Drummond Carlos. *Poesias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942. 220 p.
- ARFUCH, L. *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.
- AUSTEN, Jane. *Razão e Sensibilidade*. Sumaré: Martin Claret, 2009.
- BANDEIRA, Pedro. *A Droga do amor*. 4. Série: Os Karas, ed. São Paulo: Moderna, 2014.
- BARBOSA, L. L. Raquel; PINAZZA, A. Mônica. *Modos de narrar a vida: Cinema, Fotografia, Literatura e Educação*. São Paulo: UNESP, 2010.
- BARTHES, Roland. *O Prazer do texto*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BELLI, Roberto. *Animais Recotados: O coelhinho Teobaldo*. Poço Grande: Todolivro, 2015.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sarti. *Investigação Qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto, 1994.
- CAMARGO, M. R. R. M.; SANTOS, V. C. C. (Orgs.). *Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação*. São Paulo: UNESP, 2010. Disponível em: <http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/201318214938d516261823e100c5aea6d/LEITURA_E_ESCRITA_COMO_ESPAOS_AUTOBIOGRFICOS_DE_FORMAO_-_MARIA_ROSA_DE_CAMAR.pdf>. Acesso em: 5 ago. de 2020.
- CATELLI, N. *En la era de la intimidad, seguido de El espacio autobiográfico*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2007.
- COELHO, N. Nelly. *Literatura Infantil: Teoria, Análise e Didática*. 7. ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- CHRISTIE, Agatha. *O Assassinato no Expresso Oriente*. Nova Iorque: HarperCollins, 2017.
- DEFOE, Daniel. *Robinson Crusóé: A aventura de um naufrago numa ilha deserta*. Londres: Penguin, 2012.
- FRANK, Otto. *O Diário de Anne Frank*. 87. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

LACERDA, Lilian de. *Álbum de literatura: Memória de vida, histórias de leitores*. São Paulo: UNESP, 2003.

MORAES, D. Z. Fontes (auto)biográficas na pesquisa em educação: “um relógio solar histórico-sociológico”. In. BARBOSA, R. L. L.; PINAZZA, M. A. (orgs.). *Modos de narrar a vida: cinema, fotografia, literatura e educação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre Cegueira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995. 312 p.

SIGMUND, Freud. *O Mal-Estar na Civilização*. Londres: Penguin, 2011.

SOUZA, C. E; NASCIMENTO, AD; HETKOWSKI, TM., Orgs. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação II. Memória e formação de professores [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

PASSEGGI, C. da Maria; SOUZA, Elizeu Clementino de apud. VICENTINI, P. Paula. Entre a vida e a formação: Pesquisa (Auto) biográfica, docência e profissionalização. *Educação em Revista* - UNEB, UFRN e USP, n. 1, p. 369-386, 2011. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf>> Acesso em: 12 ago. 2020.

PASTOR, Raimundo. *Alegrias, agruras e tristezas de um professor*. São Paulo: Centro do Professorado Paulista, 2015.

PESSOA, Fernando. *Poesia de Ricardo Reis*. Sumaré: Martin Claret, 2008.

Kamilla Lima da Silva

Kamilla Lima da Silva

Autora

Carolina Gonçalves de Sousa

Profa. Dra. Carolina Gonçalves de Sousa

Co-orientadora

M. Rosa R. M. de Camargo

Profa. Dra. Maria Rosa R. M. de Camargo

Orientadora